

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições

3



Atena
Editora
Ano 2022

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições

3



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Gênero e sexualidade: lugares, história e condições 3

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G326 Gênero e sexualidade: lugares, história e condições 3 /
Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0464-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.644222807>

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Ferreira,
Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 306.765

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A coletânea Gênero e sexualidade Lugares, história e condições, reúne neste terceiro volume oito artigos para problematizar as relações de gênero na contemporaneidade.

A partir da virada do século XIX para o XX, com o advento da Psicanálise, estudando a histeria e se questionando sobre o que quer uma mulher, e com as discussões em torno das Ciências Sociais e Humanas, que procuravam encontrar um lugar social para os homens e mulheres, e sobretudo, com o advento das pesquisas culturais e feministas, indagando sobre a participação dos grupos minoritários na sociedade, as pesquisas sobre sexualidade e gênero ganham espaço nos meios acadêmicos.

Do questionamento sobre como se constrói uma mulher, à despatologização da homossexualidade, e à luta pela igualdade de direitos, um leque infinito de possibilidades discursivas é aberto, na tentativa tanto de remediar os efeitos danosos de intolerância e tradicionalismo, quanto de construção de subjetividades impares.

Espero que pela leitura dos textos que se seguem, uma abertura crítica sobre a diversidade das possibilidades de leituras sobre a questão do gênero surja para cada leitor.

Uma boa leitura a todos!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

ÍRIS DE FÁTIMA DA SILVA, UMA ‘PARAIBUCANA’ NA LUTA PELO FEMINISMO NEGRO E LÉSBICO

Giovanna de Araújo Leite


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228071>

CAPÍTULO 2..... 8

POLÍTICA PÚBLICA DE GÊNERO: UMA ANÁLISE DO “PROGRAMA MULHERES MIL” DO INSTITUTO FEDERAL GOIANO, CAMPUS DE URUTAÍ

Luma Rosa Martins Silva


Jonas Modesto de Abreu

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228072>

CAPÍTULO 3..... 23

MULHERES INDÍGENAS E FEMINISMOS – UM ENCONTRO PARA DESCOLONIZAR CONCEITOS A PARTIR DO MOVIMENTO DE MULHERES INDÍGENAS NO BRASIL

Luciana Nogueira Nóbrega

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228073>

CAPÍTULO 4..... 36

AFINAL, O QUE É IDEOLOGIA DE GÊNERO?

Marcela Rodrigues Santos

Ezequiel Martins Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228074>


CAPÍTULO 5..... 42

VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER - DANO EMOCIONAL DENTRO DOS RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

Letícia Sousa Marques

Roseane Vilarins de Almeida

Bernadino Cosobeck da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228075>

CAPÍTULO 6..... 53

VIOLÊNCIA FÍSICA CONTRA A POPULAÇÃO ADULTA: UMA ANÁLISE DAS NOTIFICAÇÕES NO ESPÍRITO SANTO, BRASIL

Karina Fardin Fiorotti

Márcia Regina de Oliveira Pedroso

Franciéle Marabotti Costa Leite


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228076>

CAPÍTULO 7..... 68

REFLEXÕES SOBRE O ATENDIMENTO DE INDIVÍDUOS NÃO-HETEROSSEXUAIS EM

UMA COMUNIDADE TERAPÊUTICA RELIGIOSA


Janine Targino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228077>

CAPÍTULO 8..... 74

AS RELAÇÕES DE GÊNERO A PARTIR DAS BODAS DE CANÁ (JO 2,1-11)

Josymara Dias de Paula

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228078>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 84

ÍNDICE REMISSIVO..... 85

CAPÍTULO 1

ÍRIS DE FÁTIMA DA SILVA, UMA 'PARAIBUCANA' NA LUTA PELO FEMINISMO NEGRO E LÉSBICO

Data de aceite: 04/07/2022

Giovanna de Araújo Leite

Doutoranda em Literatura e Interculturalidade
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

RESUMO: Íris de Fátima da Silva é uma mulher, negra e lésbica, nascida na capital paraibana João Pessoa, militante em prol das causas de gênero, raça, etnias, sexualidade e na luta política anticapitalista, tanto no Estado da Paraíba, como em Pernambuco. Em Recife, Íris se tornou sindicalista no SINDSAÚDE, defendendo com maestria sua bandeira de luta na “Maternidade Bandeira Filho”, no conhecido bairro de Afogados, onde seu trabalho militante lhe rendeu o título de **Cidadã Pernambucana** pela Assembleia Legislativa de Pernambuco. Este ensaio visa mostrar este trabalho brilhante de Íris em defesa das mulheres lésbicas, negras e pobres, assim como descrever a vida de resistência e resiliência diante das dificuldades enfrentadas nos dois estados onde vive e viveu.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher. Feminismo. Lesbianidade. Interseccionalidade. Nordeste.

ABSTRACT: Íris de Fátima da Silva is a black and lesbian woman, born in the capital of Paraíba, João Pessoa, activist in favor of causes of gender, race, ethnicity, sexuality and in the anti-capitalist political struggle, both in the State of Paraíba and in Pernambuco. In Recife, Íris became a trade unionist at SINDSAÚDE, masterfully defending her struggle flag at the “Maternity

Bandeira Filho”, in the well-known neighborhood of Afogados, where her militant work earned her the title of Citizen of Pernambuco by the Legislative Assembly of Pernambuco. This essay aims to show this brilliant work by Íris in defense of lesbian, black and poor women, as well as to describe the life of resistance and resilience in the face of difficulties faced in the two states where she lives and has lived.

KEYWORDS: Women. Feminism. lesbianism. intersectionality. North East.



INTRODUÇÃO

A lesbofobia se constitui por uma complexidade e diversidade de práticas discriminatórias, devido à orientação sexual de mulheres que amam outras. Pode ser, ainda, articulada com preconceitos de raça, etnia, classe, entre outros. O preconceito que se tem contra mulheres lésbicas, ou o medo em torno da lesbianidade, é um assunto pouco discutido no Brasil, sendo, muitas vezes, silenciado nos espaços privados e públicos da sociedade.

É de extrema importância refletir a

existência de tantas mulheres lésbicas na luta anticapitalista, focando nas necessidades da maioria social e se afastando do liberalismo que se diz defensor de um feminismo livre e empoderado, mas que omite as necessidades *amefricanas*, de acordo com Lélia Gonzalez:

trata-se de um olhar novo e criativo no enfoque da formação histórico-cultural [...] é uma América Africana cuja latinidade, por inexistente, teve trocado o 't' pelo 'd' para, aí sim, ter o seu nome assumido com todas as letras: América Ladina (GONZALEZ, 1988b, p.69).

A mulher lésbica e de cor, pobre e silenciada que vive na chamada “*América Ladina*” não se deixa mais sufocar por um pensamento hegemônico que insiste em omitir uma existência, há décadas já desmascarada por Gonzalez (1988b), quando afirmou ser urgente uma conscientização entre uma maioria social formada por trabalhadoras incluídas em vários espectros da diversidade, no sentido de transformar as relações lesbofóbicas em relações dialógicas e positivas, criando alianças transfronteiriças comprometidas com a luta pelos direitos sociais em âmbito mundial, sendo necessário, inclusive, lutar contra o feminismo liberal e capitalista, que empodera e privilegia grupos de mulheres específicos e exclui quem está às margens do chamado “desenvolvimento”.

Íris de Fátima da Silva é uma dessas mulheres “*ladinoamefricanas*”, exemplo de resiliência, resistência e força na região do Nordeste brasileiro, entre os Estados da Paraíba e Pernambuco, pois mesmo se deparando com obstáculos, preconceitos, dores e tudo o mais que acompanha a caminhada de uma líder sindical, não se deixou abater e buscou diariamente militar em prol de sua existência e resistência, principalmente na cidade onde iniciou sua atividade de trabalho na Maternidade Bandeira Filho, em Recife, Pernambuco.

Traz em seu discurso a luta pelas mulheres lésbicas de todas as formas, pelo simples fato de ser mulher e sofrer opressões por ser lésbica. Ela nega e crítica a lesbofobia como algo inaceitável na sociedade. Assim, Íris traz em sua bandeira de luta, exemplos de como lutar contra a LGTBfobia, e denuncia o compulsório sistema patriarcal, capitalista e heterossexual.

Diante disso, este ensaio conta a história de vida e luta de Íris de Fátima da Silva e, ao mesmo tempo, faz uma reflexão entre a teoria e a ação nas lutas impetradas por gênero, raça, etnia, sexualidades, partindo do pressuposto de que o capitalismo está na base de todas as crises. Como Fraser bem afirma:

Nosso feminismo é uma urgência no mundo. O feminismo é uma urgência na América Latina. O feminismo é uma urgência no Brasil. Mas é preciso afirmar que nem todo feminismo liberta, emancipa, acolhe o conjunto de mulheres que carregam tantas dores nas costas (FRASER, 2019, p. 12).

e ao mesmo tempo entender as questões que esse feminismo liberal não pontuou, como Gonzalez tão bem expressa “o termo *amefricanas* como nomeação de todos os descendentes dos africanos que não só foram trazidos pelo tráfico negreiro, como daqueles que chegaram à América antes de seu ‘descobrimento’ por colombo” (2020). Íris de Fátima

da Silva, é essa mulher *amefrcicana*, feminista e anticapitalista, nascida no nordeste brasileiro e, ao contrário do que pensa, de maneira preconceituosa, o sudeste e o sul do país, tem muito a nos ensinar.

UMA MULHER DE LUTA E RESISTÊNCIA

Nascida no Estado da Paraíba, precisamente no bairro do Rangel, em João Pessoa, Íris de Fátima da Silva, 55 anos, é uma mulher de luta e exemplo para outras tantas mulheres. Uma mulher que defende o feminismo negro e lésbico, que batalha pelo reconhecimento e pela visibilidade lésbica em seu ativismo. Desde criança, Íris traz em sua vivência, um exemplo de história de vida resiliente diante dos preconceitos que sofreu. Sua mãe, dona Maria Anísio da Silva, trabalhava em casa de família e era lavadeira de roupas. Seu pai biológico não a registrou e só aos 22 anos, Íris de fato o conheceu.

Enquanto sua mãe trabalhava, Íris só teve acesso à educação formal em um convento de freira, posteriormente, aos nove anos de idade, conheceu um senhor chamado Romualdo, que ela o considera um “anjo da guarda”, pois ele atuava na Legião Brasileira Assistencial – LBA, a qual desenvolvia projetos na comunidade e oferecia em plena década de 90, cursos profissionalizantes como o de Técnico de Contabilidade. O senhor Romualdo se tornou ao longo do tempo, um ‘pai adotivo’ de Íris, pois ele a ajudou nos estudos na área de contabilidade e ela chegou a concluir o segundo grau em uma das melhores instituições de ensino da Paraíba, na Academia de Comércio Epitácio Pessoa alcançando o título de Técnica de Contabilidade.

Aos 22 anos, Iris foi a Pernambuco, à casa de uma conhecida e nessa cidade enfrentou muitas dificuldades. Foi diarista e chegou a ser até pintora de apartamentos, mas graças ao apoio de pessoas amigas e especiais (como o senhor Romualdo), a vida de Íris se tornou diferente a tantas outras mulheres pretas e lésbicas nordestinas. Em 1991, Íris foi aprovada em concurso público no Estado de Pernambuco, na Maternidade Bandeira Filho, no conhecido bairro dos Afogados, em Recife, dando início a uma história de vida de ativismo no SINSÁUDE, onde foi eleita diretora durante os anos de 1992 a 2006, dada a sua participação ativa como mulher de voz e guerreira.

Neste meio tempo, a mãe de Íris faleceu e Íris aceitou a responsabilidade de guarda dos seus irmãos, Luciana Anísio da Silva e Luciano da Silva. Pela força e garra que tinha, ela os incentivava a estudar e, hoje em dia, Luciano é professor universitário e leciona na cidade de Campina Grande –PB.

Atualmente, Íris é Secretária Executiva do Conselho Estadual dos Direitos da População LGBTQIA+. Sua carreira nos movimentos sociais teve início após a conclusão do curso técnico em contabilidade, em 1986, e depois de sua mudança definitiva para o Recife, onde foi aprovada no concurso público no ano de 1991. Se mostrou uma mulher militante, defensora das causas sociais e de políticas de gênero, raça, etnia, sexualidade,

entre outros. Sua atuação impulsionou sua história política, desde sua participação no sindicato da saúde – SINDSAÚDE – e extensão em prol das questões da lesbianidade. Íris se orgulha em dizer que sua história no sindicato começou com ela limpando o chão, passando pela função de telefonista, até ter sido convidada a se integrar de maneira política, sendo diretora sindical financeira.

Sua influência política (e afetiva) deve-se à Josenita Duda, que em 1996, a convidou para participar do grupo AMHOR, uma instituição que buscava, naquele ano, desmistificar a chamada ‘peste *gay*’, termo preconceituoso que dizia respeito às pessoas homossexuais ou bissexuais. Íris trouxe meninas lésbicas para o esporte, a fim de recuperar nelas o amor pela vida e a valorização do amor-próprio. Por meio do futebol, envolveu muitas garotas no esporte como forma de fazer com que elas se sentissem amadas e cuidadas perante toda aquela toxicidade que a heterossexualidade construía na vida daquelas adolescentes.

Posteriormente, Íris se inseriu ainda mais no movimento feminista pernambucano. Durante seis anos foi conselheira no Conselho Municipal de Saúde, na capital, representando magistralmente o Fórum de Mulheres, juntamente com o AMHOR, transformando a ideia do que é ser mulher lésbica, pois trouxe à tona, a importância da consciência e visibilidade lésbica, buscando desconstruir pensamentos e comportamentos lesbofóbicos, inclusive dentro dos círculos feministas no estado, o que gerou alguns conflitos de opiniões, mas Íris não se deixou abalar, mesmo diante de posicionamentos feministas elitistas, que ainda se concentravam na ideia da luta da mulher universal e silenciavam as lutas das mulheres negras e indígenas, pobres e lésbicas.

Desta forma, Íris potencializou sua luta pelas demandas das questões da lesbianidade, ampliou os espaços de ações coletivas nos Conselhos Municipais e Estaduais, discutindo os assuntos junto à sociedade e, aos poucos, ela se tornou referência no estado de Pernambuco no controle social em saúde integral para a população LGBTQIA+.

A vida e o engajamento de Íris se traduzem numa luta em prol de um significado especial para a compreensão da importância de políticas pela diversidade, de forma inter-relacionada, ao invés do que se pensava por tantas outras políticas feministas que visualizavam apenas as relações de desigualdades baseadas no sexo-gênero, pois Íris é um exemplo de mulher que luta numa perspectiva decolonial, isto é, uma batalha que abarca as condições de vida das pessoas que vivem à margem de uma sociedade opressora e colonialista, que questiona constantemente a ideologia hegemônica patriarcal, branca, colonialista, elitista, exploradora.

Íris consegue trazer para sua vivência, os interesses materiais das mulheres trabalhadoras lésbicas com as frentes de luta como o antirracismo, a libertação LGBTQIA+ e a luta contra a violência dos homens para com as mulheres, de um modo geral. Neste sentido, ela traz a lesbianidade como um movimento social que une essas questões a posicionamentos pela naturalização das diversas sexualidades. Ela lembra que é preciso uma aliança anticapitalista através da sua participação ativa em movimentos sociais e na

presença de mulheres conscientes e de identidades lésbicas que priorizam o entrelaçamento das lutas contra a opressão de gênero, em movimentos trabalhistas, sindicais e que enfatizam a questão da saúde destas mulheres em todos os sentidos (saúde física e mental), para lidar com as opressões de uma sociedade compulsoriamente heterossexual.

Íris dialoga com o pensamento interseccional do feminismo negro que reivindica, há tempos, uma pluralidade de experiências e demandas. Para Crenshaw (2020), a interseccionalidade demonstra a colisão das estruturas, a interação simultânea entre as identidades e o fracasso do feminismo branco e às falhas até mesmo do feminismo negro quando ainda traz em seus discursos, o caráter machista das experiências do homem negro. Além disso, defende o pensar descolonialmente e politicamente em termos e projetos de descolonização; busca desvincular-se de conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento, ou melhor, ‘aprender a desaprender’, realizando-se desta forma, ‘a desobediência epistêmica’ (MIGNOLO, 2007).

A vida de Íris se traduz empiricamente nesta tentativa diária, pois mesmo diante das opressões ela se desdobra, buscando alternativas para ajudar tantas adolescentes e mulheres oprimidas e silenciadas, para quem a dor muitas vezes é a resposta mais clara desta cotidianidade nordestina. Só a luta e o engajamento político da lesbianidade podem realmente levar tais discussões e realidades para o palco social e o que era omisso e silenciado passa a ser visível mesmo que isto custe a dor do preconceito de se colocar visível. Como Hollanda (1994, p. 08) afirma: “no plano político e social, esse debate ganha terreno a partir dos movimentos anticoloniais, étnicos, raciais, de mulheres, de homossexuais e ecológicos que se consolidam com novas forças políticas emergentes”.

Os papéis sociais dos homens e mulheres são redistribuídos de forma a fazer com que se questione o quanto as mulheres sofreram perante o patriarcado e o quanto a mulher negra, pobre e lésbica tem a dizer e a operar no campo discursivo, social e político desta sociedade. Trata-se de uma luta que considera as realidades locais de regiões oprimidas culturalmente, socialmente, economicamente e politicamente. Uma realidade que condiz com o sofrimento de milhares e milhares de mulheres afora, *amefricanas*, latino-americanas.

Como Alvarez (2014) diz, é preciso caracterizar o feminismo latino-americano como um campo discursivo de ação, pois as feministas latino-americanas contemporâneas estão envolvidas não apenas com lutas políticas de espaço em que a inclusão da perspectiva de gênero seja apenas o foco. As feministas latino-americanas estão envolvidas por disputas de sentidos e significados, por batalhas culturais sobre o significado de cidadania, desenvolvimento, saúde reprodutiva, auto democracia, sob os múltiplos pontos de vista das mulheres e de vários pontos de vista feministas. Mas, dentro deste campo discursivo, é preciso compreender que também há processos contínuos de disputas discursivas e estratégicas, a fim de promover transformações socioculturais inspiradas em um feminismo ressignificado em sua contextualização de vida dos povos latino-americanos, pela luta por justiça de gênero e suas interseccionalidades.

O desafio político de Íris se caracteriza por essa busca pela descolonização das perspectivas hegemônicas do feminismo branco e burguês. Suas ações refletem sobre as mulheres de cor, considerando as experiências de vida específicas de mulheres que sabem o preço de uma luta contrária ao movimento heterossexual compulsório. Toda esta problemática é perceptível para o conhecimento da sociedade. Com toda a sua luta em Pernambuco, não é à toa que Íris de Fátima da Silva foi escolhida para ser Cidadã de Pernambuco, pela Assembleia Legislativa do Estado.



Figura 1 Certificado de Cidadã de Pernambuco de Íris de Fátima da Silva

Seu exemplo vivo de luta é sinônimo de esperança de que outras mulheres lésbicas de cor arregacem suas mangas e corram sem medo em busca do reconhecimento do seu trabalho, do seu espaço no mercado de trabalho, independentemente de qualquer preconceito de gênero, raça, etnia, classe, sexualidades, entre outros aspectos.

Amefricanidade, interseccionalidade e decolonialidade estão intrinsecamente conectadas, pois denunciam as formas de dominação e as ideologias políticas que replicam representações coloniais, os discursos de naturalização da experiência da escravidão, as formulações do pensamento sociais latino-americano, o não-silenciamento das insurgências negras na esfera do cotidiano, a crítica ao viés eurocêntrico das Ciências Sociais e do Feminismo Ocidental e realizam um diálogo com intelectuais das epistemologias do sul, garantindo uma interlocução com a produção latino-americana e envolvendo as dimensões da dominação sexual, de classe e de raça, articuladas nas formas de opressão e hierarquização racial.

Assim, entende-se que o pensamento de Gonzalez (2020) é fundamental para observar o trabalho de mulheres militantes e atuantes na sociedade, como é o caso de Íris, que traz para sua luta, não apenas raça, classe e gênero, mas também os temas essenciais como sexualidade, território e política, cruciais para a compreensão do feminismo contemporâneo amefricano. Daí, o exemplo de Íris ser um modelo para tantas outras mulheres lésbicas, de cor, pobres e trabalhadoras que vivem no Nordeste brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Sonia. E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. **Dossiê o gênero da política: feminismos, estado e eleições.** *cadernos pagu* (43), janeiro-junho de 2014:13-56.

CRENSHAW, Kimberlé. Tradução – Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas identitárias e violência contra mulheres de cor. IN.: MARTINS, Ana Claudia Aymoré; VERAS, Elias Ferreira (ORGS.) **Corpos em aliança: diálogos interdisciplinares sobre gênero, raça e sexualidade.** Curitiba: Appris, 2020.

FRASER, Nancy; ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi. **Feminismo para os 99%: um manifesto.** São Paulo: Boitempo, 2019.

LEMOS, Ana Carla da Silva. **Movimentos de Lésbicas de Pernambuco: uma etnografia a partir do ativismo lésbico.** (dissertação de mestrado). UFPE: Programa de Pós-Graduação em Antropologia, 2019.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In.: **Tempo brasileiro.** Rio de Janeiro, nº. 92/93 (jan./jun.) 1988b, p.69-82.

_____. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos.** (org.) RIOS, Flavia. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

_____. Por um feminismo afro-latino-americano. In.: HOLLANDA, Heloísa Buarque de; VAREJÃO, Adriana *et al.* **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Repensando a história literária. In.: **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura.** (org.) HOLLANDA, H. B. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MIGNOLO, Walter. **Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política.** (trad.) NORTE, Ângela Lopes. *Revista Gragoatá*, nº. 22, p. 11-41, 1º. sem. 2007.

ÍNDICE REMISSIVO

C

Comunidade terapêutica 68, 69, 71, 73

Crime 42, 43, 44, 45, 46, 51, 52

D

Dano emocional 42, 43, 44, 45, 47, 50, 51

Descolonização 5, 6, 23, 29, 30, 33

Divisão sexual do trabalho 8, 9, 10, 11

F

Feminismo 1, 2, 3, 5, 6, 7, 21, 23, 24, 29, 30, 31, 33, 34

G

Gênero 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 63, 74, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83

I

Ideologia de gênero 36, 37, 38, 39, 40, 41

Indivíduos não-heterossexuais 68, 69

Interseccionalidade 1, 5, 6, 7

L

Lesbianidade 1, 4, 5

M

Mulher 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 22, 24, 25, 26, 28, 29, 31, 32, 33, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 53, 66, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82

Mulheres indígenas 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35

N

Nordeste 1, 2, 3, 6, 15, 26, 30, 32

P

Programa Mulheres Mil 8, 9, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22

Protagonismo de mulheres 74

R

Relacionamento abusivo 42, 43, 46, 47, 49, 50, 51, 52

Religião 15, 44, 73, 74, 81, 82, 83

S

Sistemas de informação 53, 63, 65

U

Uso de substâncias 68, 69

V

Violência 4, 7, 8, 14, 15, 16, 25, 26, 28, 29, 31, 35, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 74, 75, 78, 79, 80, 81, 82, 83

Violência contra a mulher 8, 15, 16, 26, 43, 53, 66, 78, 80


Violência psicológica 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52

Vítimas mulheres 42

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições

3



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições

3




Ano 2022